



Patriarcalismo e pedocracia

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular da Unicamp, diretor da Editora Contexto (www.jaimepinsky.com.br — jaimepinsky@gmail.com)

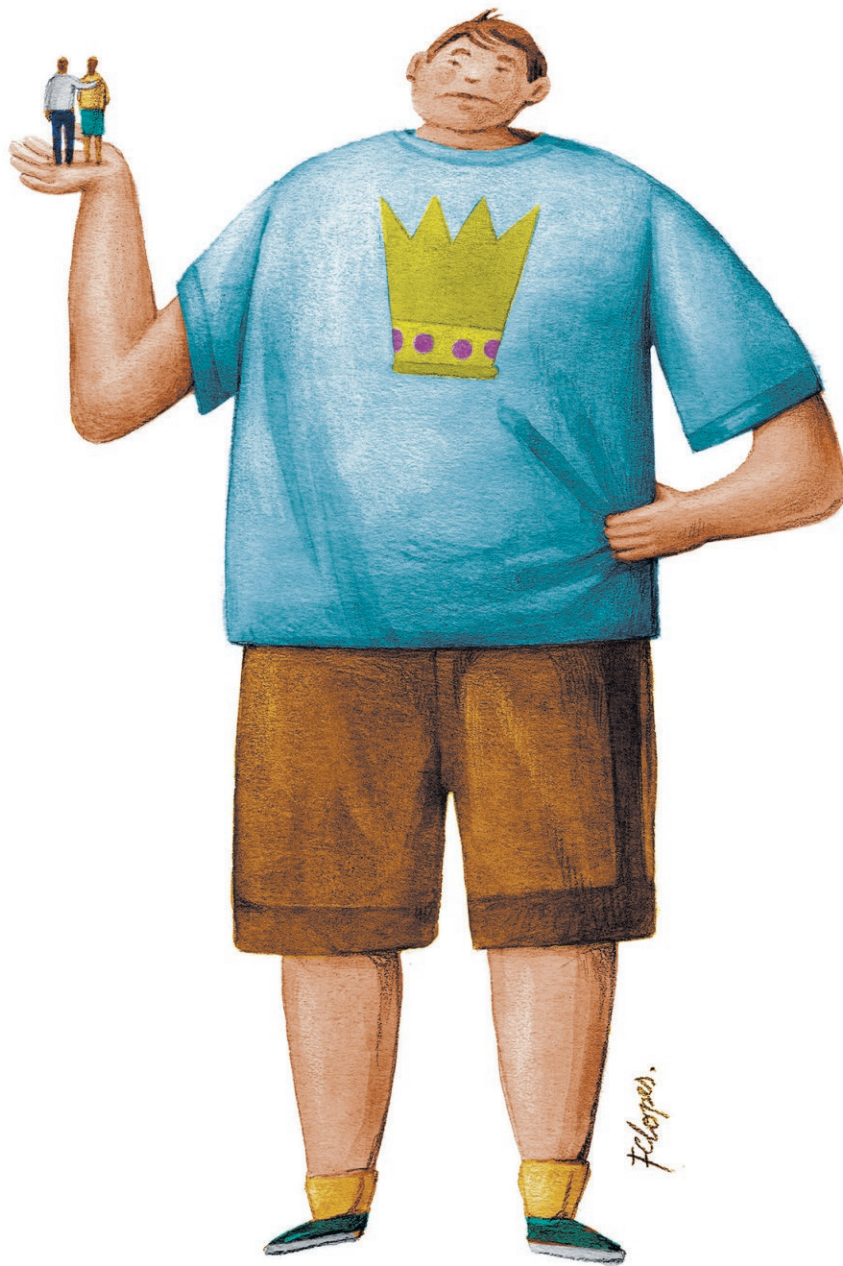
Lucas, amigo dos velhos tempos, tem um filho que só agora, depois dos 40, tornou-se pai e trata o garoto como uma pedra preciosa frágil. Sempre ultravestido, como se São Paulo tivesse se transformado em Toronto, o neném, já com um ano de idade, é sempre monitorado por ele, a mãe, uma babá e duas avós que correm para atender os desejos (ou supostos desejos) do pimpolho. Gustavo — esse o nome do menino — ainda não sabe conversar, mas já consegue dar ordens. Está crescendo com uma concepção umbigocêntrica do mundo e logo terá dificuldades no seu processo de socialização.

Até aí, nada de novo. Todos nós conhecemos crianças mal-educadas, grosseiras até, desde a mais tenra idade. Sua falta de educação é relevada pelos pais, condescendentes, em nome do que seria o direito da criança de fazer o que quiser. Pixotes de dois anos recebem presentes e os jogam no chão, em acessos que devem parecer aos pais apenas manifestações de autenticidade. Crianças maiores acham perfeitamente legítimo não cumprimentar as pessoas ao chegarem ou saírem de algum lugar, mesmo que seja a casa de parentes próximos. Dar um simples “oi” para pessoas de idade, nem pensar. Eles não gostam da aparência de seres humanos mais velhos, acham que são feios, portanto não merecedoras de um simples cumprimento.

Ao rompermos os contornos de uma sociedade patriarcal, em que os chefes de família tudo podiam e eram tratados como semideuses, estamos criando uma outra que gira em torno das crianças e de seus caprichos. Agora Lucas recebeu a informação de seu filho que o neto não poderia visitá-lo porque o apartamento do avô não tinha tela protetora nas janelas. Não adiantou explicar que os vidros seriam travados, que todos os bancos e cadeiras ficariam longe da janela, que mais dois olhos atentos seriam somados aos 10 que cuidam normalmente do Gustavo. O filho foi decisivo: ou o pai coloca tela, ou grade nas janelas, ou não veria o neto em seu apartamento.

Ora, estava pensando nisso quando vi o artigo de Roger Cohen, do *The New York Times* (na edição do NYT que sai na *Folha de S. Paulo*). Segundo ele, crianças de várias escolas britânicas foram orientadas nos últimos anos a usarem óculos para manusearem certas colas, a não brincarem com caixas de ovos vazias, por causa da contaminação por salmonela, a usarem capacetes ao passarem por baixo de certas árvores e até a não irem a boliche, onde poderão se enroscar no maquinário. Cohen acha que “estamos criando conformistas mimados, inclinados a verem perigo por todos os lados”.

Tendo a concordar com o jornalista. Meus vizinhos do apartamento de cima, por



exemplo, juntam o medo de expor as crianças a uma educação (?) bastante liberal, por assim dizer. As crianças com 7 e 9 anos, aproximadamente, são levadas e trazidas da escola por motorista acompanhado de uma empregada (não, não sei se o carro é blindado, mas deve ser) e passam longo tempo em casa. O piso do apartamento é frio, parece que de mármore.

Carpete poderia dar alergia, assim como as frestas da madeira, se o piso fosse de tábuas. Como as crianças quase não saem, o chão é adequado e o barulho na cabeça do vizinho não conta, o menino tem um skate e a menina usa patins. Quando cansam, jogam bola. Tudo isso na nossa cabeça e sem nenhum sentimento de culpa, já que criança pode tudo. Os pais, ora os pais, acham tudo muito adequado, principalmente porque

passam a maior parte do dia fora.

Isso tudo vai se refletir na escola, onde a criança trata os professores (e explicitam isso) como seus empregados (“meu pai é quem paga o seu salário, você não pode me dar nota baixa”). Muitas escolas toleram alunos chegando atrasados, usando telefone celular, enviando mensagens de texto e até participando de redes sociais no meio da aula. Desvalorizado por não ser mais a principal fonte de informação do aluno, como acontecia nos cinco séculos da prevalência da cultura escrita, o professor vê sua autoridade torpedeada por uma conjunção de pais condescendentes e de uma sociedade que não conseguiu encontrar um substituto adequado para o patriarcalismo e acabou por estabelecer a pedocracia. Está na hora de buscar o equilíbrio.

O legado interno da Rio+20

» RODRIGO ROLLEMBERG

Senador e presidente da Comissão do Meio Ambiente do Senado

Após duas semanas de intensas reuniões, debates, manifestações e negociações encerrou-se a Rio+20, a Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) que tinha como objetivos debater e formular propostas para uma economia verde, no contexto do desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza, além de propor um novo modelo de governança ambiental mundial.

Para a maioria das organizações da sociedade civil, a conferência falhou e desperdiçou a oportunidade de construir novos paradigmas para o desenvolvimento mundial. Na avaliação de alguns chefes de Estado e de governo, seus resultados foram tímidos. Para outros, conseguiu-se o avanço possível entre 193 países em situações muito diversas e afetados por grave crise econômica.

De minha parte, gostaria de ter visto a criação de um fundo abastecido pelos países mais ricos para financiar o desenvolvimento nos países mais pobres, a definição de metas de desenvolvimento sustentável e a transformação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) em agência, com muito mais poder no âmbito do sistema ONU. Esses temas foram adiados, mas lançadas sementes que poderão frutificar. Na conferência, foi iniciado um processo que poderá levar a compromissos dos países em assumir metas a partir de 2015 e criou-se um fórum de alto nível com o objetivo de fortalecer o Pnuma.

Chamou atenção a presença marcante da sociedade civil na Cúpula dos Povos,

demonstrando crescente conscientização e mobilização em torno da agenda ambiental que deverá pressionar governos e parlamentos a manifestarem maior sensibilidade com o tema.

Ressalte-se também a realização da I Cúpula Mundial de Legisladores reunindo parlamentares de 85 países, inaugurando uma troca de experiências em relação às melhores práticas legislativas e iniciando um processo de acompanhamento da implementação, por cada país, das decisões emanadas das conferências internacionais.

Presença marcante também foi a participação dos indígenas brasileiros cobrando a demarcação de suas terras e respeito à diversidade cultural.

Mas os resultados concretos da Rio+20 só serão conhecidos no futuro. O que ficou claro é que o Brasil é, entre os maiores países do mundo, o que tem melhores condições de inaugurar um novo modelo de desenvolvimento efetivamente sustentável. Nossos diferenciais competitivos são: água abundante, matriz energética diversificada com grande potencial renovável, capacidade agrícola para gerar segurança alimentar, riquíssima biodiversidade e diversidade cultural.

Nosso grande desafio é construir convergências internas sobre esses temas que devem produzir compromissos em relação à educação e ao desenvolvimento tecnológico. Proponho algumas:

1) Os recursos auferidos com a exploração do petróleo do pré-sal, energia de origem fóssil, devem ser utilizados na melhoria

da qualidade da educação e na inovação tecnológica, agregando valor à nossa produção industrial e desenvolvendo novas energias renováveis;

2) Universalização do saneamento básico, combate rigoroso ao desperdício de água e estímulo à eficiência;

3) As bacias hidrográficas devem se tornar efetivamente em unidades de planejamento, fortalecendo os Comitês de Bacias Hidrográficas, implantando programas de pagamentos por serviços ambientais, estimulando a recuperação de matas ciliares ripárias e nascentes;

4) Redução da área ocupada pela pecuária por meio do aumento da produtividade, liberando terras para a expansão do plantio de alimentos e agroenergia sem precisar desmatar áreas preservadas nos diversos biomas;

5) Ampliação do conhecimento e do acesso sobre nossa biodiversidade, utilizando-a de forma inteligente, desenvolvendo a indústria de biotecnologia e garantindo a repartição justa de benefícios com os povos e comunidades tradicionais;

6) Desenvolvimento de novas tecnologias para expansão da matriz energética renovável do país.

Todas essas propostas são possíveis de serem realizadas a médio prazo e podem fazer parte de um Pacto Nacional pela Sustentabilidade. Elas têm a capacidade de unir produtores e ambientalistas, sociedade civil e governo. E podem tornar-se um efetivo legado nacional da Rio+20.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // interina.circecunha.df@dabr.com.br

Descansar na rede, nunca mais!

Organizado por Claudia Tavares, o Interlegis apresentou o 2º Seminário de Política e Novas Mídias. Ocuparam a mesa o diretor de Comunicação Social do Senado, Fernando Cesar Mesquita, Demetrius Bicalho, do Centro de Documentação e Multimídia do Senado (Cedoc), e os palestrantes Alexandre Otramari, da Agência +55, e Marcelo Minutti, da FSB PR/Digital.

Marcelo começou a apresentação com os seguintes dados. Para alcançar 50 milhões de usuários, o rádio levou 38 anos; a tevê, 13; a internet, quatro; e o Facebook, nove meses. Aos que resistem em encarar a internet, vale a explicação. Facebook é uma forma de encontrar amigos sem cerveja, sem pessoas em volta, sem dança ou cheiro de cigarro. A porta de entrada é o e-mail e a senha cadastrados.

Ao acessar pela primeira vez, o usuário monta o próprio perfil, descrevendo preferências, esportes, livros, músicas. Troca mensagens, imagens, vídeos, convites, datas de aniversários e pode selecionar previamente quem terá acesso às informações postadas. Provoca discussões com frases de efeito, desperta ódio ou simpatia. Pois bem. Em fevereiro deste ano, o Facebook tinha quase 850 milhões de usuários ativos.

Voltando à palestra, Marcelo Minutti discorreu sobre a diferença do uso da rede por brasileiros. Por aqui, o assunto é tratado com menos profundidade. Em compensação, a interatividade é absoluta. Com o termo *Homo digitalis*, Minutti projetou como a geração que nasceu na era dos computadores se comporta, faz amizades e, principalmente, como essa meninada se comunica. Dá para vislumbrar um futuro com menos contato físico, mas com intensa troca de ideias. Às vezes, supérfluas, mas de força arrebatadora quando disseminada por seguidores.

A comunicação atual passa da passividade do espectador de tevê para a mobilidade de informações e participação pelo celular em diversos sistemas, como SMS, Twitter, Instagram, Messenger e Facebook. Dados da Anatel informam que, no Brasil, há 250 milhões de linhas de celulares ativas. A AppStore já teve baixo de 1 milhão de aplicativos. Cada vez mais o mundo segue em direção à democratização da informação.

Vários cases de vídeos postados no YouTube de consumidores que foram prejudicados mostram a força dessa comunicação. Desde o carro que acelerava sozinho, o cadeado vendido como superseguro que era aberto com uma caneta, o bombom estragado, até os grupos de discussões que resolvem todos os tipos de questão e debatem todo tipo de assunto. O mundo perde seus segredos para a internet. Hoje, uma criança chinesa vê o que uma criança da favela desenhou. Não há limite de tempo e espaço.

Outra questão interessante tratada por Minutti foi o neuromarketing. A quantidade de informações recebidas diariamente é tão grande que o cérebro começa a selecionar. Daí estudos mostram novas estratégias de venda, de como aparecer e ser lembrado. Novas estratégias de marketing político, em que a propaganda mentirosa logo cai por terra. Foi-se o tempo em que a rede era lugar para descansar. Políticos, empresários, empresas e celebridades contratam pessoas para monitorar a internet 24 horas por dia para rebater qualquer ataque à imagem.

Com o advento da internet, a imagem pessoal é facilmente depreciada ou enaltecida. Depende da vontade do internauta e da estrutura de observadores, compartilhadores, comentaristas, produtores e curadores. As consequências do efeito viral são imprevisíveis. Um EdgeRank, algoritmo que, pela afinidade do seu gosto, peso de suas postagens e tempo, consegue distribuir e selecionar conteúdos que você irá se interessar.

Por isso, quando abre o e-mail, a barra lateral traz os assuntos de que você gosta. São acessos feitos em sites de viagens, produtos ou textos acadêmicos. Até se no corpo do e-mail for escrita a palavra “arquivo”, ao enviar a correspondência, o programa pergunta: “Você escreveu arquivo e não anexou nada. Deseja continuar a operação?” Assim anda a comunicação no mundo. Cada vez menos particular. O futuro? Marcelo Minutti citou Peter Druker. “A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo.” Na terça-feira, continuaremos com a palestra de Alexandre Otramari. (Circe Cunha)

» História de Brasília

Para funcionar com segurança, o Hospital Distrital precisaria de 60 enfermeiras de primeira classe, e conta com apenas 28. O edifício tem 12 andares e apenas três estão funcionando. O quarto é só para parturientes, e, para se ter uma ideia, há uma média de 15 a 20 partos por dia. (Publicado em 19/5/1961)